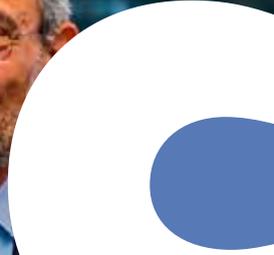
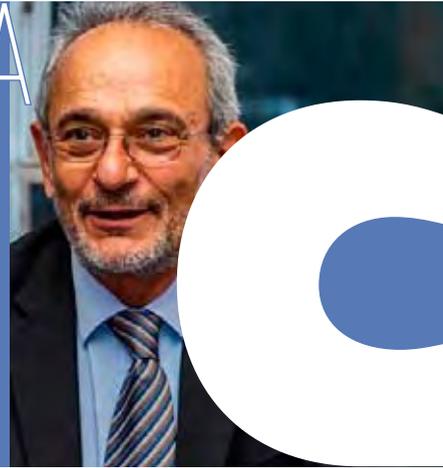


GRANDE ENTREVISTA

Luiz Fagundes Duarte

Natália Correia, mulher de intervenção e complicada

O Essencial sobre Natália Correia é a obra mais recente do nosso entrevistado. Encontrou uma mulher sobretudo de intervenção social. E muito complicada. Págs. 02 a 04



Págs.
06 e 07

CONSUMO PELOS JOVENS

Açores lideram nas drogas ilícitas

O mais recente relatório do Instituto para os Comportamentos Aditivos e Dependências coloca os Açores em contraciclo com o resto do país.

Pág.
05

SÃO PEDRO

Serviço de transporte solidário para idosos

São Pedro tem serviço gratuito de transporte social solidário destinado a idosos em situação de vulnerabilidade económica ou social.



Págs.
08 e 09

Chega APROVA Plano e Orçamento da Coligação

DEPOIS DE APROVADOS NA GENERALIDADE PELOS PARTIDOS DA COLIGAÇÃO (PSD, CDS-PP E PPM) E PELO CHEGA, OS PLANO E ORÇAMENTO DOS AÇORES SEGUIRAM PARA DEBATE NA ESPECIALIDADE. OS MESMOS PARTIDOS APROVARAM O PLANO E A HORA DO FECHO DESTA EDIÇÃO O ORÇAMENTO CONTINUAVA EM DISCUSSÃO.

Pág. última

Black Friday no comércio da Terceira

PUB.

Campanha desenvolvida por:

ANGRA DO HEROÍSMO
CÂMARA DO COMÉRCIO E INDÚSTRIA



A partir dos Biscoitos, onde diz ter acesso ao que necessita, Luiz Fagundes Duarte continua a produzir a sua obra e acaba de lançar O Essencial sobre Natália Correia. Descobriu uma “mulher de intervenção social” e “extremamente complicada”. O nosso entrevistado, com carreira nacional e internacional, garante que nunca deixou de ser “aquele rapaz da Serreta”.

LUIZ FAGUNDES DUARTE. PROFESSOR E ESCRITOR

Natália Correia foi uma mulher de intervenção e complicada

ACABA DE PUBLICAR O ESSENCIAL SOBRE NATÁLIA CORREIA (IMPRESA NACIONAL, 2024). QUAIS OS GRANDES TRAÇOS QUE DEFINEM ESTA MULHER? Natália foi uma mulher extremamente complicada, não só pela variedade da sua obra — distribuída por poesia, ficção, teatro, ensaio, crónica, tradução, edição, antologia, guionismo, crítica política, jornalismo, radialismo, e tanto mais... —, mas pelas suas características pessoais e pelos temas de que se ocupou — defesa dos direitos da mulher, incluindo a interrupção voluntária da gravidez, luta contra o fascismo e a censura, tanto de direita como de esquerda, e pela liberdade in-

dividual e de expressão —, tudo isto de forma corajosa e directa, sem admitir quaisquer peias que lhe cerceassem a liberdade de criação, de pensamento e de expressão. Ela foi, sobretudo, uma libertária, no sentido histórico da palavra: uma lutadora pela liberdade individual e colectiva em oposição ao autoritarismo do Estado que interfere, ou se sente tentado a interferir, na organização da sociedade e na vida privada das pessoas. E fê-lo sempre: contra o estado fascista, contra a tentativa, durante o PREC, de integrar Portugal na esfera soviética, e, em democracia, contra a hipocrisia dos directórios par-



LUIZ FAGUNDES DUARTE. “...aqui, nos Biscoitos, consigo fazer quase tudo o que faria em Lisboa porque, para além do sossego e da presença constante do mar, tenho acesso à informação de que necessito para trabalhar”

tidários. Natália é, sem dúvida, um caso de estudo, que vai muito para além da literatura.

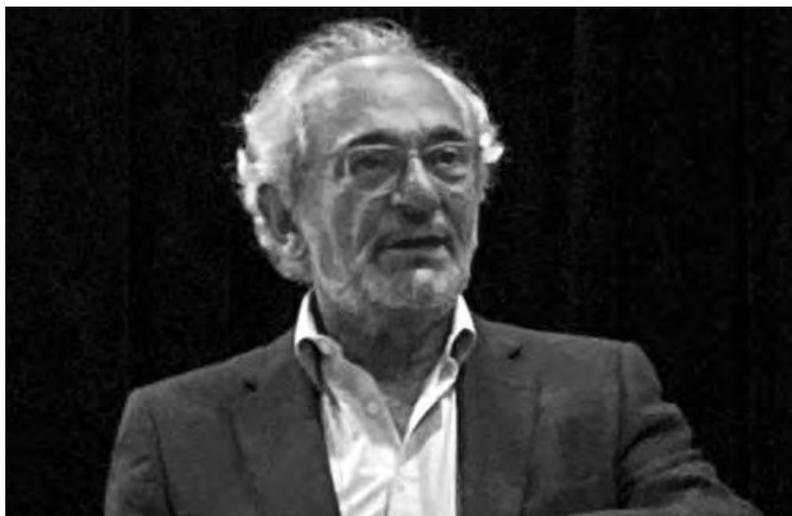
NATÁLIA CORREIA É SOBRETUDO POETISA OU ACIMA DE TUDO TERÁ SIDO UMA MULHER DE INTERVENÇÃO NA SOCIEDADE, NA POLÍTICA E NA CULTURA EM GERAL?

Por muito que pareça estranho, e embora seja uma das personalidades poéticas mais importantes da segunda metade do século XX em Portugal, a poesia não foi o grosso da sua produção literária. De resto, na introdução ao volume em que reuniu a sua Poesia Completa (O Sol nas Noites e o Luar nos Dias, 1993), ela define-se, enquanto poeta, como alguém cujos versos não são seus mas sim de uma entidade sobrenatural que fala pela sua boca, ficando o poeta reduzido a uma espécie de microfone... Já Vitorino Nemésio dissera algo idêntico, afirmando que o poeta é uma espécie de «médium» entre o mundo imaterial e o mundo físico... Natália foi, sobretudo, uma mulher de intervenção social,

que utilizou as ferramentas e os meios que tinha à sua disposição, e a poesia foi um deles: poderoso, sim, mas não o único. E nisso, mais do que um microfone, ela foi um verdadeiro altifalante, utilizando como suporte a personagem exuberante que ela própria criou e que teve que alimentar durante toda a sua vida.

A CENSURA PERSEGUIU NATÁLIA CORREIA NO ESTADO NOVO, MAS NÃO SE ESQUECEU DELA DEPOIS DA REVOLUÇÃO DE ABRIL. ELA ACABA, ALIÁS, OS SEUS DIAS ENTREGUE À TRISTEZA E DESILUDIDA. PORQUÊ?

A mesma mulher que enfrentou Salazar e Caetano, sofrendo as inevitáveis consequências — sete livros censurados, proibidos e impedidos de circular, julgamentos e condenações em tribunais plenários, ostracismo por parte ora da intelectualidade comprometida com o status quo, ora daquela que, do fundo dos seus sofás, se auto-proclamava progressista, apoio às candidaturas presidenciais de



HÁ COISAS QUE PERMANECEM. “...eu sou aquele mesmo rapaz da Serreta, que foi o primeiro e durante muito tempo o único natural da freguesia a frequentar a Universidade e a construir uma carreira profissional de abrangência nacional e, frequentemente, internacional”

Uma mulher libertária

“Ela (Natália Correia) foi, sobretudo, uma libertária, no sentido histórico da palavra: uma lutadora pela liberdade individual e colectiva em oposição ao autoritarismo do Estado que interfere, ou se sente tentado a interferir, na organização da sociedade e na vida privada das pessoas. E fê-lo sempre: contra o estado fascista, contra a tentativa, durante o PREC, de integrar Portugal na esfera soviética, e, em democracia, contra a hipocrisia dos directórios partidários. Natália é, sem dúvida, um caso de estudo, que vai muito para além da literatura”.

Norton de Matos e de Humberto Delgado, e à Operação Dulcinea (tomada do pacote Santa Maria) de Henrique Galvão que, no pequeno poema épico *Cântico do País Emerso*, de 1961, que lhe dedicou, designou como «Capitão do Impossível», contra a guerra colonial, contra a estupidez consagrada, etc. —, enfrentou com a mesma coragem as principais figuras do PREC, porque achava que estavam a entregar Portugal, como de resto viria a acontecer com as ex-colónias de África, à esfera do

comunismo soviético, a ponto de o «Século Hoje», suplemento que dirigia no jornal «O Século» e de que só viriam a sair nove números, ter sido proibido e encerrado pelo Conselho da Revolução por ordem do General Costa Gomes, então Presidente da República; e viria a ser censurada, já em plena democracia, por um governo da Aliança Democrática liderada pelo PSD, partido pelo qual ela até era deputada, que inviabilizou a encenação da peça de teatro *Erros Meus*, *Má Fortuna*, *Amor Ardente*, que lhe

(CONTINUA NA PÁG.04)



INTERVENÇÃO. “Natália foi, sobretudo, uma mulher de intervenção social, que utilizou as ferramentas e os meios que tinha à sua disposição, e a poesia foi um deles: poderoso, sim, mas não o único”

editorial.

O CONJUNTURAL E O ESTRUTURAL

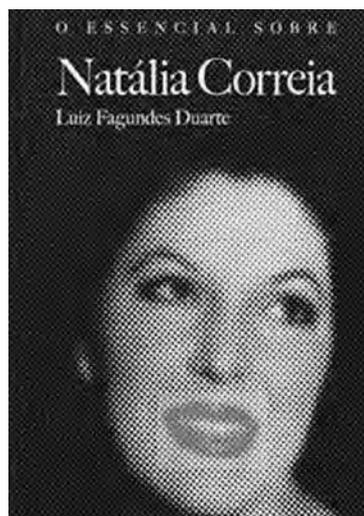
A hora de fecho desta edição ainda não era clara - preto no branco - a aprovação do Orçamento regional para 2025, mas tudo indicava que seria refletido na votação o entendimento que foi sendo construído entre a Coligação e o Chega, na sequência da auscultação dos partidos para a elaboração do documento base enviado à Assembleia regional. As maiorias parlamentares, espúrias ou certas, são feitas aproveitando as circunstâncias e suspendendo ideologias. As coligações e partidos são os mesmos nos Açores e no continente, mas os relacionamentos não poderiam ser mais diferentes. Lá fora, Montenegro, comandante da coligação de um governo minoritário, decretou que o “não é não” a qualquer entendimento com o Chega e, diga-se de passagem, tem cumprido à risca. Preferiu negociar o Orçamento de Estado com o PS e, embora as negociações não tenha chegado a bom termo, muito caminho e cedências de ambas as partes foram feitas, o que levou o PS a abster-se na votação na generalidade e tudo indica que o mesmo venha a acontecer na especialidade e tenha como resultado que o Orçamento passe, evitando assim uma crise política só dirimível por eleições antecipadas e que antevia efeitos nocivos para o país. Por cá, com uma situação política semelhante, com um governo minoritário, também da coligação dos mesmos partidos do continente, bebendo no mesmo ideário, têm identidade própria e autonomia suficiente para que se façam entendimentos cá que lá fora são repudiados e aproximações que lá fora são feitas e que cá são afastadas. Comportam-se assim os partidos como se fossem verdadeiros partidos regionais. Só assim se percebe a atual conjuntura em que um Orçamento regional seja aprovado aqui com os votos a favor do Chega e contra dos outros partidos dos quais avulta o PS e, lá fora, o Chega seja arredado da equação e seja o PS a viabilizar o Orçamento. Estranho não é. As forças partidárias, sejam poder, sejam oposição, em cada tempo, saberão medir bem qual é, afinal, o superior interesse dos açorianos porque é para eles e em nome deles que governam e os arranjos para aprovação dos documentos essenciais à governação são sérios e responsáveis. A estabilidade governativa num governo minoritário é medida Orçamento a Orçamento. Estará garantida por um ano mais e se a solidariedade do governo da República não faltar e a revisão da lei de Finanças for feita a contento das Regiões, é provável que entremos no bom caminho e a Autonomia tenha futuro. Tenha o Governo consciência que a aprovação do Orçamento é conjuntural, mas reunir os consensos à volta da revisão da Lei de Finanças regionais é estrutural. E há pontes com a oposição que não podem nem devem ser quebradas porque todos somos poucos para levar a qualidade dessa missão por diante.

havia sido encomendada no âmbito das comemorações camonianas de 1980, e isto porque, suponho eu, a visão que nela dá de Camões não correspondia à do Camões oficial... E sim, morreu entristecida, porque concluiu que os grandes desígnios por que lutara durante toda a sua vida não só não haviam sido alcançados pela democracia em que acreditou e que era suposto realizá-los, como sobretudo tinham sido adulterados: segundo Natália, com a adesão à CEE e mais tarde ao Acordo de Schengen, Portugal passara a ser um país irrelevante no contexto internacional, e, se escapara ao domínio soviético, fora apanhado pelo tecnocracismo europeu que obrigava os países a demitirem-se «dos seus mitos, das suas infra-estruturas culturais que estão a ser arrasadas pela barbárie colectivista e tecnológica», estando assim Portugal, e por consequência, a ser invadido «pelo pior da Europa que formou a civilização norte-americana» e que ela já denunciara no livro *Descobri que era Europeia*, de 1951.

DIRIGE ATUALMENTE UMA NOVA EDIÇÃO DA OBRA COMPLETA DE VITORINO NEMÉSIO (IMPRESA NACIONAL/COMPANHIA DAS ILHAS), QUE SEGUNDO JULGAMOS SABER PRETENDE INCLUIR INÉDITOS. QUAIS OS MAIORES DESAFIOS COM QUE SE TEM DEPARADO?

David Mourão-Ferreira escreveu alguns que Nemésio foi toda uma literatura, tal foi a quantidade, a variedade e a inovação da obra que nos deixou em livros de poesia, de ficção, de ensaio e de crónica, mas também em muitos jornais e revistas, e em livros colectivos ou de outros autores, muitos deles pouco conhecidos ou mesmo obscuros, pelo que nunca temos a certeza de termos encontrado todos os tex-

tos que publicou dispersamente. É uma autêntica dor de cabeça... Quanto a inéditos: estão disponíveis, no espólio guardado na Biblioteca Nacional, muitos poemas ainda por editar e que constarão no volume de póstumos e inéditos que estou a preparar. Mas, ao que creio, outros mais se encontrarão ainda, bem como o seu diário, em caixas fechadas e seladas e que estarão sob reserva até se completarem os cinquenta anos da morte de Nemésio, o que só ocorrerá em 2028. Então se verá do que realmente se trata, e o que fazer. Porém, não creio que aí se encontrem poemas que acrescem a glória de Nemésio, porque estou convencido de que a sua grande poesia foi por ele publicada em vida, excepto o *Caderno de Caligraphia* que, no entanto, já tinha em fase adiantada de preparação quando faleceu, e que eu viria a editar e publicar, em 2003, como *Caderno de Caligraphia e Outros poemas a Marga*.



COMPLEXIDADE. “Natália foi uma mulher extremamente complicada, não só pela variedade da sua obra (...), mas pelas suas características pessoais e pelos temas de que se ocupou”

De censura em censura...

“A mesma mulher que enfrentou Salazar e Caetano, sofrendo as inevitáveis consequências (...) enfrentou com a mesma coragem as principais figuras do PREC, porque achava que estavam a entregar Portugal, como de resto viria a acontecer com as ex-colónias de África, à esfera do comunismo soviético (...) e viria a ser censurada, já em plena democracia, por um governo da Aliança Democrática liderada pelo PSD, partido pelo qual ela até era deputada”.

AMORES DA CADELA PURA, OBRA ASSINADA, A TÍTULO DE CONFISSÕES, PELA MARQUESA DE JÁCOME CORREIA É OU NÃO, EM SUA OPINIÃO, UMA OBRA DE VITORINO NEMÉSIO?

Temos que distinguir o primeiro volume, publicado em 1976, do segundo, que só foi publicado em 2004, já póstumo. E, se compararmos o estilo de ambos, veremos que são muito diferentes, o que se explica pelo facto de Nemésio ter trabalhado o original do primeiro, como se pode provar por uma carta que ele lhe dirige e na qual diz que tem estado a trabalhar no livro dela; na minha opinião, o conteúdo do primeiro volume é de facto da autoria de D. Margarida de Jácome Correia, mas profundamente revisto e elaborado por Nemésio. Quanto ao segundo volume, é integralmente da autoria dela; posso garanti-lo, porque fui eu que insisti para que ela o escrevesse, para assim termos a visão dela da relação amorosa que, na visão de Nemésio, encontramos no *Caderno de Caligraphia*, e porque acompanhei a escrita, embora sem interferir no processo: eu ia todas as noites a

casa dela, lia o que ela escrevera, até ao dia em que ela me telefonou a dizer que terminara o livro; mas, como eu ia para Paris no dia seguinte, disse-lhe que passaria por lá quando regressasse; só que ela entretanto faleceu. Tanto quanto registei na memória, o texto publicado corresponde àquele cuja escrita eu acompanhara. Mas, nele, e ao contrário do primeiro, Nemésio é personagem, não revisor ou, se quisermos, co-autor...

DEPOIS DE HISTÓRIAS D'ASSOMBRAÇÃO (CAMINHO, 1988), NUNCA MAIS LEMOS FICÇÃO DA SUA AUTORIA. PORQUÊ? QUANDO VAMOS LER?

Porquê? Porque já existe por aí literatura má mais do que suficiente, e um homem como eu que, como filólogo, estudou intensamente o processo de escrita de autores como Eça de Queiroz, Fernando Pessoa ou Vitorino Nemésio, tem que pensar duas vezes antes de se abalar a escrever, neste caso, ficção. No entanto, tenho um projecto em andamento e que a seu tempo verei se vale a pena ser publicado.

“As nossas origens são o que de mais seguro temos”

VIVE ENTRE LISBOA E OS BISCOITOS (ILHA TERCEIRA). NOSTALGIA DAS ORIGENS? OPÇÃO PARA UMA REFORMA CALMA? PROCURA DE UM LUGAR PARA CRIAR EM PAZ?

Um pouco de tudo isso... As nossas origens são o que de mais seguro temos na nossa vida, e regressar a elas é como regressar à casa dos antepassados, porém com o olhar crítico de quem já conheceu meio mundo. Hoje,

eu sou aquele mesmo rapaz da Serreta, que foi o primeiro e durante muito tempo o único natural da freguesia a frequentar a Universidade e a construir uma carreira profissional de abrangência nacional e, frequentemente, internacional, que regressa trazendo nos sapatos a poeira dos caminhos por onde andou. E aqui, nos Biscoitos, consigo fazer quase tudo o que faria em

Lisboa porque, para além do sossego e da presença constante do mar, tenho acesso à informação de que necessito para trabalhar, já não por obrigação profissional, mas porque me apetece e me dá gosto. Desde que me reformei já produzi e publiquei umas duas dezenas de trabalhos, entre livros e artigos científicos, e fiz uma série de conferências sobre matérias que domino; mas tam-

bém trato do jardim, construo móveis utilitários para casa, faço pequenos consertos, e até já me abalancei à pintura... Se isso é ou não é reforma, não sei... Mas, despidoradamente e com o devido respeito, sinto-me bem acompanhado por Sá de Miranda, que se retirou da corte para acabar os dias na Quinta da Tapada, ou por Alexandre Herculano, na de Vale de Lobos...